

YONNE DE FREITAS LEITE (2)

Museu Nacional (U. F. R. J.)

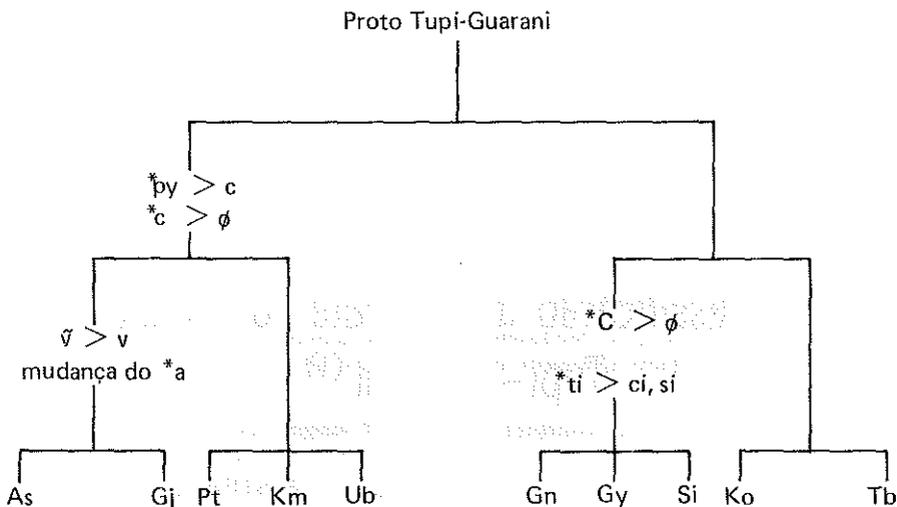
A Classificação do Tapiraté na Família Tupi-Guarani (1)

ABSTRACT

This paper is a study about vowel changes, specially of the vowel *a (introducing the notion of cronologic ordering of these changes), in the classification of Tapirapé in the Tupi-Guarani group.

Entre as línguas indígenas faladas no Brasil, as do grupo Tupi têm, sem dúvida alguma, merecido maior atenção por parte dos estudiosos brasileiros.

Do ponto de vista classificatório conta este grupo com os trabalhos de A.D. Rodrigues e M. Lemle. O trabalho de Rodrigues é o mais extensivo em termos das línguas consideradas e de nível das relações estabelecidas, chegando ao tronco Tupi composto pelas seguintes famílias: Tupi-Guarani, Juruna, Arikém, Tupari, Ramarama, Mondé e Puruborá. O método adotado é o da léxico-estatística, sendo a relação entre as línguas, famílias e dialetos determinada pela percentagem de cognatos do vocabulário básico retida pelas línguas examinadas. Lemle detém-se na subclassificação da família Tupi-Guarani, adotando o método comparativo. Segundo esse método a hipótese para o agrupamento é a de que uma inovação compartilhada por um grupo de línguas implica numa separação e desenvolvimento comum das línguas, cuja história passa a ser independente da das línguas em que aquela mudança não ocorreu. Lemle considera o Tupinambá (Tp), Guarani (Gn), Guarayo (Gy), Sirionó (Si), Kokama (Ko), Parintintin (Pt), Urubu (Ub), Kamayurá (Km), Asurini (As) e Guajajara (Gj), e chega à seguinte classificação:



Segundo Rodrigues, o Tapirapé é uma língua da subfamília Tupi-Guarani, subfamília essa que juntamente com as subfamílias Kokama, Maué, Munduruku e Sirionó (com certa reserva) constituem o tronco Tupi. Lemle, embora não inclua o Tapirapé em sua classificação, faz a seguinte observação: "O Tapirapé (dados de Yonne Leite) tem muito em comum com o Asurini, incluindo a perda do contraste entre t^h e d^h , a fusão de algumas vogais com a^h e a manifestação fonética do /y/ como [y] em posição final de sílaba e com [ɥ] em outros ambientes (3). Entretanto sua inclusão na mesma seção do diagrama junto ao Asurini é difícil porque a nasalização das vogais continua como um traço fonêmico do Tapirapé, mas não do Asurini e do Guajajara".

Nenhuma das duas classificações, pois, põe em dúvida que o Tapirapé é uma língua da família Tupi-Guarani. O problema reside em seu grau de relacionamento com as demais línguas dessa família. O método léxico-estatístico é de pouca utilidade para resolver casos como esse, uma vez que a relação língua-família é determinada pelo percentual de cognatos retidos, que será, portanto, o mesmo (cerca de 80%) para todas as línguas componentes da família. E a dificuldade de Lemle em incluir o Tapirapé, embora sua maior relação com o Asurini pareça evidente, mostra a inadequação também do mecanismo de classificação genética por diagrama em árvore. Por esse mecanismo cada inovação significa uma história em comum das línguas que a compartilham e a ruptura de relacionamento entre aquele grupo e as demais línguas em que a mudança não ocorreu. Assim pelo diagrama em árvore apresentado acima a primeira subdivisão que separa o Asurini, o Guajajara, o Parintintin, o Kamayurá e o Urubu do Guarani, Guarayo, Sirionó, Kokama e Tupinambá são as mudanças idênticas ocorridas nas línguas do primeiro grupo em relação à proto-seqüência **py* e ao proto-fonema **c*. Enquanto que nas línguas do segundo grupo encontramos a seqüência /*py*/ e o fonema /*c*/, nas línguas do primeiro grupo, a seqüência **py* corresponde uma africada ou fricativa e ao proto-fonema **c* corresponde /*h*/ ou \emptyset . O Tapirapé (Tap) compartilha das mudanças do primeiro grupo. Deste modo temos as correspondências **py* : *c* e **c* : *h* \emptyset .

Ex.: *epyak*: * As. $\overset{v}{e}c\grave{a}n$, Gj e Km $\overset{v}{e}c\grave{a}k$, Ub *usak*, Tap $\overset{v}{e}c\grave{a}k$, enquanto que Tp *epyak*, Gy *epia* e Si *ea*.

yact: As. Gj. Pa. Ub. *yaht*, Km. *yaht* e Tap. *yaht* ou *yaht*, enquanto que Ko. GY. *yact*, Gn, $\overset{v}{y}a\grave{c}t$, Si. $\overset{v}{c}asi$ e Tp. *yast*.

O que constitui, portanto, problema para a classificação do Tapirapé é a mudança da proto-vogal **a*, da qual o Tapirapé participa, e a desnasalização das vogais, da qual o Tapirapé não participa.

Neste trabalho estuda-se a mudança da vogal **a* e de outras vogais, introduzindo a noção de ordenamento cronológico das mudanças ocorridas. Parece-nos que o estudo da mudança vocálica é central para o Asurini, Tapirapé e Guajajara, pois essas línguas da família Tupi-Guarani têm um sistema vocálico (excluindo-se a série nasal) de seis vogais, a saber, /*i*/, /*e*/, /*a*/, /*h*/, /*u*/, /*o*/, o Tapirapé e o Asurini têm um sistema com cinco vogais — /*i*/, /*e*/, /*a*/, /*h*/, /*o*/ — e o Guajajara, um sistema com sete, a saber, /*i*/, /*e*/, /*a*/, /*ə*/, /*h*/, /*u*/, /*o*/.

O ponto de partida serão as correlações estabelecidas por Lemle para o Asurini e Guajajara. Serão acrescentados os dados do Tapirapé (4). A seguir será estabelecida uma ordem temporal na ocorrência de cada mudança. Essa ordem temporal é relativa, uma vez que, se tratando de línguas ágrafas, não há documentação histórica pela qual se possa inferir a época de introdução e período de atuação da mudança. O método será, pois, o corrente na fonologia gerativa, só que a noção de ordenamento é utilizada para fins diacrônicos. Cada mudança é assim encarada como o acréscimo de uma regra à gramática da(s) língua(s). Pela participação maior ou menor da língua na regra em questão pode-se determinar o maior ou menor grau de relacionamento das línguas.

ças podem, em primeiro lugar, ser formuladas como regras adicionadas às gramáticas dessas línguas e não às gramáticas das demais. Em segundo lugar a gradualidade da mudança nos permite supor que a passagem de *a para /i/ em Asurini e Tapirapé se deu em etapas, isto é, *a > ə > i. Do mesmo modo na evolução do *ã para /o/ teríamos as seguintes passagens gradativas: ã > ẽ > õ > o (5).

O ORDENAMENTO DAS REGRAS

Assim sendo, podemos estabelecer o seguinte ordenamento que exprime as mudanças ocorridas:

REGRA 1

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ + \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \\ - \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow \left[- \text{ baixa} \right] \quad / \left[\begin{array}{c} C \\ \text{nas} \end{array} \right] \quad / \text{ em As. Tap. Gj.}$$

a passa a ə em Asurini, Tapirapé e Guajajara

REGRA 2

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ + \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \\ + \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow \left[- \text{ baixa} \right] \quad / \quad \text{ em As., Tap., Gj.}$$

ã passa a ə em Asurini, Tapirapé e Guajajara.

REGRA 3

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ - \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow \left[+ \text{ alta} \right] \quad / \quad \text{ em Gj. exceto no ambiente } _ \text{ (Co).}$$

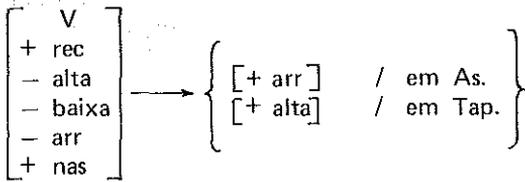
o passa a u em Guajajara exceto quando em sílaba final ou em penúltima sílaba precedendo sílaba com *o*.

REGRA 4

$$\left[\begin{array}{c} V \\ + \text{ rec} \\ - \text{ alta} \\ - \text{ baixa} \\ - \text{ arr} \\ - \text{ nas} \end{array} \right] \longrightarrow \left[+ \text{ alta} \right] \quad / \quad \text{ em As. e Tap.}$$

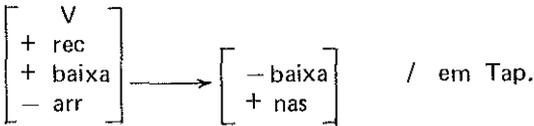
e passa a ɨ em Asurini e Tapirapé.

REGRA 5



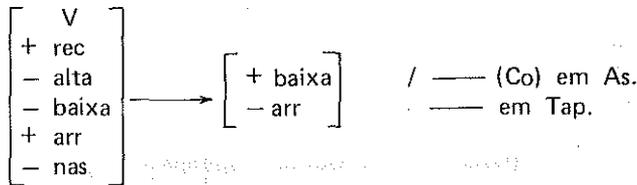
\tilde{a} passa a \tilde{o} em Asurini e a $\tilde{ɨ}$ em Tapirapé.

REGRA 6



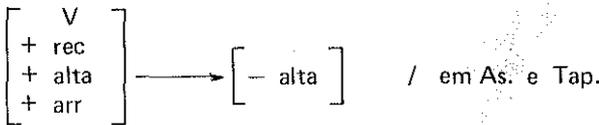
a passa a \tilde{a} em Tapirapé.

REGRA 7



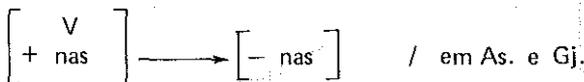
o passa para a a em todos os ambientes em Tapirapé e em Asurini somente quando em sílaba final ou em penúltima sílaba precedendo sílaba com o .

REGRA 8



u passa a o e \tilde{u} a \tilde{o} em Asurini e Tapirapé.

REGRA 9

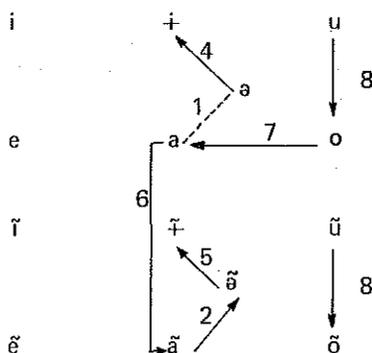


As vogais se desnasalizam em Asurini e Guajajara.

JUSTIFICATIVA DO ORDENAMENTO

Com relação ao Guajajara que só participa das regras 1, 2, 3 e 9 não há motivação para o ordenamento das regras 1, 2 e 9. A regra 3 porém tem que preceder a regra 9 senão õ passaria a u. Já com relação ao Tapirapé e Asurini o ordenamento é imprescindível. A regra 1 tem que preceder a regra 4, a regra 2 a regra 5, a regra 1 a regra 6, porque estão numa relação de "feeding". A regra 6 tem que preceder a regra 7, caso contrário todos os a se nasalizariam em Tapirapé. A regra 7 tem que preceder a regra 8 e 9; caso contrário todos os o passariam a a. Pelo mesmo motivo a regra 5 tem que preceder a regra 9.

O diagrama abaixo, em que se focaliza apenas o Tapirapé, serve para demonstrar a validade do ordenamento proposto. Esse ordenamento evidencia uma mudança em cadeia, em que a fusão de um fonema com outro deixa um vazio no sistema, acarretando outra mudança para preencher a lacuna aberta.



As regras 1 e 2 não criam uma lacuna no sistema. A primeira regra ocasiona apenas uma alofonia e a segunda modifica a qualidade fonética da vogal. O sistema, porém, permanece o mesmo. O mesmo ocorre com a regra 4. Apenas um alofone é deslocado de um fonema para outro. Já a regra 5 abre uma lacuna no sistema, lacuna essa que é preenchida pela regra 6, a qual, por sua vez, abre outra lacuna no sistema que é preenchida pela regra 7. Essa por sua vez abre uma lacuna no sistema que é preenchida pela regra 8.

CONCLUSÃO

A metodologia adotada permite demonstrar uma maior correlação entre o Tapirapé e o Asurini. Essas duas línguas participam de um maior número de regras conjuntamente. As mudanças em Guajajara prescindem de um ordenamento com relação às regras 1, 2, 3 e 1, 2, 9. A nasalização que é a última regra em Asurini pode, pois, ter-se dado independentemente em Guajajara, uma vez que ela pode ter ocorrido antes das regras 1 e 2. Julgamos oportuno frisar que para um melhor entendimento da questão seria conveniente estudar como e porque as vogais se desnasalizaram em Asurini e Guajajara.

NOTAS

- (1) Comunicação apresentada na X Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Salvador, Bahia, de 22 a 25 de fevereiro de 1978.
- (2) Pesquisador-bolsista do CNPq.
- (3) A mesma distribuição se verifica para a Guajajara para o fonema /y/ que tem um alofone [z]. O Guajajara tem, porém, um fonema /c/.
- (4) As observações referentes ao Tapirapé se baseiam em dados colhidos durante 4 períodos de campo, totalizando 19 semanas durante os anos de 1967, 1968, 1969 e 1975. O trabalho de campo contou com o financiamento do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- (5) Essa passagem gradual parece encontrar certa evidência concreta, uma vez que Lemle (p. 113) assinala reflexos do *a como /o/ em Asurini. Não conseguimos, porém, determinar os ambiente destas ocorrências.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- LEMLE, M. "Internal Classification of the Tupi-Guarani Linguistic Family". In: D. Bendor-Samuel (ed). *Tupi Studies I*. Norman, Oklahoma, Summer Institute of Linguistics, 1971.
- RODRIGUES, A.D. "A Classificação do Tronco Lingüístico Tupi." In: —. *Revista de Antropologia*. Junho e dezembro de 1964, vols. 12, nºs 1-2.